ARTIGOS

Saberes tradicionais e mídias sociais: o benzer em Campo Grande e na Rota Bioceânica

Traditional knowledge and social media: benzer in Campo Grande and along the Bioceanic Route

Saberes tradicionales y redes sociales: el benzer en campo grande y en la Ruta Bioceánica

Katiuscia Fernandes[1]

Alan Silus[1]

Recebido em: 30/09/2025; aceito em: 09/01/2026
DOI: http://dx.doi.org/10.20435/inter.v27i1.5165

Resumo: Este artigo analisa o papel das mídias sociais na circulação e ressignificação de saberes tradicionais, tomando o benzer como prática central de investigação. Reconhecido como patrimônio cultural imaterial, o benzer integra a memória coletiva brasileira, articulando espiritualidade, saúde popular e identidade cultural. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em análise de conteúdo e entrevistas exploratórias, com recorte territorial em Campo Grande (MS), Portal da Rota Bioceânica. Os resultados revelam que, em âmbito nacional, benzedeiras utilizam plataformas digitais para recriar narrativas e ampliar a visibilidade de suas práticas, enquanto em Campo Grande o benzer mantém-se comunitário e presencial, ausente das redes. Essa ausência digital, longe de significar apagamento, expressa resistência às lógicas de mercantilização e reforça a centralidade da oralidade e da experiência vivida. Conclui-se que as mídias sociais oferecem tanto potencialidades de preservação e transmissão intergeracional quanto riscos de descaracterização cultural, evidenciando tensões entre globalização e tradição, mercantilização e salvaguarda, visibilidade e invisibilidade dos saberes ancestrais.

Palavras-chave: saberes tradicionais; benzer; patrimônio cultural imaterial; mídias sociais; Rota Bioceânica

Abstract: This article examines the role of social media in the circulation and reinterpretation of traditional knowledge, focusing on the practice of benzer as a central case. Recognized as intangible cultural heritage, benzer is part of Brazil's collective memory, connecting spirituality, popular health practices, and cultural identity. The research adopts a qualitative approach, combining content analysis and exploratory interviews, with a territorial focus on Campo Grande (MS), known as the Gateway to the Bioceanic Route. Findings indicate that, at the national level, benzedeiras (female healers) use digital platforms to recreate narratives and expand visibility, while in Campo Grande the practice remains rooted in community spaces and oral traditions, largely absent from social networks. This digital absence, rather than implying erasure, highlights resistance to commodification and reinforces the centrality of lived experience and collective memory. The study concludes that social media provides opportunities for preservation and intergenerational transmission, but also carries risks of cultural decharacterization, underscoring tensions between globalization and tradition, commodification and safeguarding, visibility and invisibility of ancestral knowledge.

Keywords: traditional knowledge; benzer; intangible cultural heritage; social media; Bioceanic Route

Resumen: Este artículo analiza el papel de las redes sociales en la circulación y resignificación de los saberes tradicionales, tomando el benzer como práctica central de investigación. Reconocido como patrimonio cultural inmaterial, el benzer forma parte de la memoria colectiva brasileña, articulando espiritualidad, salud popular e identidad cultural. La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en análisis de contenido y entrevistas exploratorias, con un recorte territorial en Campo Grande (MS), considerado el Portal de la Ruta Bioceánica. Los resultados muestran que, a nivel nacional, las benzedeiras utilizan plataformas digitales para recrear narrativas y ampliar la visibilidad de sus prácticas, mientras que en Campo Grande el benzer se mantiene comunitario y presencial, ausente de las redes sociales. Esta ausencia digital, lejos de significar invisibilidad, expresa resistencia a la mercantilización y refuerza la centralidad de la oralidad y de la experiencia vivida. Se concluye que las redes sociales ofrecen tanto potencialidades de preservación y transmisión intergeneracional como riesgos de desvirtuación cultural, poniendo de relieve las tensiones entre globalización y tradición, mercantilización y salvaguarda, visibilidad e invisibilidad de los saberes ancestrales.

Palabras clave: saberes tradicionales; benzer; patrimonio cultural inmaterial; redes sociales; Ruta Bioceánica

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado

[1] Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Os saberes tradicionais compõem um vasto patrimônio cultural imaterial, transmitido ao longo do tempo por meio da oralidade, da prática cotidiana e da experiência comunitária. Entre essas manifestações, o benzer ocupa um lugar singular no Brasil, principalmente em regiões rurais e periféricas, onde se mantém como prática de cuidado espiritual, proteção e cura popular. Geralmente exercido por mulheres – as benzedeiras –, o ato de benzer atravessa dimensões religiosas, afetivas e simbólicas, constituindo um elo entre espiritualidade, saúde e identidade cultural.

Historicamente, o benzer resulta do encontro entre tradições indígenas, africanas e europeias, consolidando-se como prática popular de cuidado e espiritualidade. Introduzido pelos colonizadores portugueses e mesclado com saberes ancestrais afro-indígenas, o ato tornou-se comum em comunidades rurais e periferias urbanas, especialmente por meio da atuação das benzedeiras, reconhecidas como guardiãs da fé e da cura comunitária (Loyola, 1984). A memória coletiva, como lembra Bosi (1994), constitui elo fundamental para a preservação de práticas culturais e para a transmissão de sentidos que sustentam identidades comunitárias.

Utilizado para lidar com males físicos, emocionais e espirituais, como "mau-olhado", "espinhela caída" e "quebranto", o benzer resistiu ao processo de marginalização imposto pela medicina oficial e permaneceu como recurso simbólico de saúde e identidade (Alves; Minayo, 1994). Essa trajetória insere o benzer no campo dos saberes tradicionais brasileiros, reconhecidos internacionalmente como patrimônio cultural imaterial em consonância com a Convenção da Unesco (Unesco, 2003) e pelos registros de "Saberes" no Brasil (Iphan, 2019).

Apesar de sua relevância social e simbólica, práticas como o benzer enfrentam risco de invisibilidade diante da hegemonia dos discursos biomédicos e científicos, que historicamente relegaram os saberes populares a uma posição marginal. Nesse contexto, observa-se um movimento recente de ressignificação: o espaço digital, especialmente as mídias sociais, tem emergido como ambiente de circulação, preservação e recriação dessas tradições.

Plataformas como *Instagram*, *TikTok*, *YouTube* e *Facebook* não apenas funcionam como vitrines, mas também como arenas de participação e interação, em que práticas locais são reinterpretadas a partir da lógica do compartilhamento, da convergência midiática e da cultura da participação (Jenkins, 2009). Nelas, benzedeiras e aprendizes recriam narrativas, adaptam rituais e ampliam sua visibilidade em redes que conectam comunidades locais a públicos globais, conforme a dinâmica da sociedade em rede (Castells, 2003).

Para Castells (2003, p. 67), "na sociedade em rede, o poder da informação está em sua capacidade de ser compartilhada e interconectada em fluxos globais, ultrapassando os limites locais". De maneira complementar, Jenkins (2009, p. 30) enfatiza que "a cultura da convergência se constrói na participação ativa dos sujeitos, que não apenas consomem, mas também recriam e distribuem conteúdos", reforçando o papel das mídias sociais como mediadoras culturais na ressignificação de saberes tradicionais.

Esse fenômeno deve ser compreendido no âmbito do meio técnico-científico e informacional (Santos, 2002), em que a cultura circula em fluxos globais mediados por tecnologias digitais. A inserção dos saberes tradicionais nas redes evidencia tanto a potência das mídias sociais na difusão cultural quanto os dilemas decorrentes desse processo, como a mercantilização da espiritualidade, a perda de contexto e a superficialização do conhecimento.

No caso de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, considerada o Portal da Rota Bioceânica, a análise adquire contornos específicos, já que a cidade concentra fluxos econômicos, culturais e comunicacionais que a tornam território estratégico para compreender como práticas tradicionais dialogam com processos de globalização e integração regional. Entretanto, diferentemente de outras localidades do Brasil, não se verificou a presença digital estruturada de benzedeiras no contexto local, o que revela a permanência de um caráter comunitário e presencial do benzer em Campo Grande e reforça a necessidade de contrastar essa ausência com a visibilidade conquistada em âmbito nacional.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar o papel das mídias sociais na divulgação dos saberes tradicionais, tomando o benzer como eixo central da discussão. Busca-se compreender de que forma esses ambientes digitais favorecem a valorização cultural e a transmissão intergeracional, mas também como podem introduzir riscos de descaracterização. Ancorados nos trabalhos articulados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas e Turismo (GEPECTUR/ UEMS/ CNPq), no projeto UEMS na Rota e, dialogando com os eixos *Turismo, Gestão e Sustentabilidade* e *Linguagem, Educação, Memória e Transculturalidade, o* estudo insere-se no campo da comunicação digital e dos estudos culturais, articulando teorias da sociedade em rede (Castells, 2003), da cultura da convergência (Jenkins, 2009) e das políticas de preservação do patrimônio imaterial (Unesco, 2003).

2 SABERES TRADICIONAIS E MÍDIAS DIGITAIS: OLHARES AO BENZER

A escolha do benzer como objeto central deste estudo justifica-se por sua relevância como expressão dos saberes tradicionais no Brasil e por sua resistência histórica diante da hegemonia dos discursos biomédicos. Reconhecido como prática cultural imaterial, o benzer se insere no campo mais amplo das manifestações que integram o patrimônio cultural não material definido pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco (Unesco, 2003), a qual destaca a necessidade de preservar conhecimentos e práticas transmitidos entre gerações como parte fundamental da diversidade cultural.

Desde o período colonial, a prática do benzer se consolidou como resultado da fusão de tradições indígenas, africanas e europeias, transmitida de geração em geração por meio da oralidade e da experiência comunitária. Ao longo dos séculos, manteve-se como forma de cuidado espiritual e de saúde popular, desempenhando papel central em comunidades rurais e periféricas (Loyola, 1984; Alves; Minayo, 1994). A memória coletiva, conforme Bosi (1994), sustenta a permanência dessas práticas; e, no plano institucional brasileiro, o Iphan (2019) reconhece “Saberes” como patrimônio cultural imaterial, reforçando a legitimidade histórica de práticas como o benzer.

Ao situar o recorte empírico em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, o estudo ganha densidade analítica, pois a cidade se configura como o Portal da Rota Bioceânica, corredor de integração que conecta Brasil, Paraguai, Argentina e Chile. Nesse contexto, Campo Grande não apenas concentra fluxos econômicos e logísticos, mas também se torna um território simbólico em que práticas locais dialogam com dinâmicas globais.

Entretanto, a ausência de perfis digitais de benzedeiras no município revelou-se um dado empírico relevante, que reforça o caráter ainda comunitário e presencial da prática na região. Essa ausência, contrastada com a visibilidade alcançada por benzedeiras em âmbito nacional,

amplia a pertinência da análise ao permitir observar desigualdades territoriais na digitalização dos saberes tradicionais e os diferentes modos de circulação cultural. Essa condição híbrida torna a capital sul-mato-grossense um espaço estratégico para refletir não apenas sobre a ressignificação do benzer nas mídias sociais, mas também sobre os limites dessa inserção.

Do ponto de vista acadêmico, a investigação se mostra pertinente porque articula diferentes campos do conhecimento: Comunicação digital, ao analisar a mediação das mídias sociais na circulação de saberes; Estudos culturais, ao compreender como práticas locais adquirem novas formas de visibilidade em uma sociedade em rede (Castells, 2003); e Geografia e Ciências Sociais, ao adotar a perspectiva do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2002) para entender como tecnologias e fluxos informacionais transformam a experiência cultural e territorial.

Além disso, este estudo responde a uma lacuna de pesquisas acadêmicas que tratem especificamente do encontro entre saberes tradicionais e mídias digitais em Mato Grosso do Sul, sobretudo em um recorte territorial tão singular como o de Campo Grande. A análise permitirá não apenas compreender como o benzer circula no espaço digital em nível nacional, mas também refletir sobre os riscos de sua mercantilização e descaracterização, apontados por autores como Canclini (2015), ao discutir a tensão entre culturas populares e indústrias culturais.

Social e culturalmente, a pesquisa se justifica pela urgência de valorizar práticas que integram a memória coletiva e a identidade das comunidades. Ao investigar a presença do benzer nas redes sociais, ainda que majoritariamente em perfis nacionais, busca-se contribuir para estratégias de reconhecimento, visibilidade e salvaguarda, reforçando a importância de manter vivos os saberes tradicionais frente aos desafios impostos pela modernidade e pela lógica capitalista que tende a homogeneizar culturas.

Dentre esses desafios, destaca-se a própria Rota Bioceânica, atualmente concebida prioritariamente sob a ótica econômica e logística, mas que também deve ser compreendida em sua dimensão cultural e simbólica. Inserir os saberes tradicionais nesse contexto significa tensionar os processos de integração regional para além da circulação de mercadorias, incluindo a valorização da memória, da espiritualidade e das identidades locais.

Para analisar o papel das mídias sociais na divulgação dos saberes tradicionais, tomando o benzer como prática central de investigação, de modo a compreender suas formas de circulação, ressignificação e preservação no ambiente digital, considerando o contraste entre a ausência de presença estruturada em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e Portal da Rota Bioceânica, e a visibilidade alcançada por perfis em âmbito nacional, podemos compreender como um potencial de investigação:

- Mapear conteúdos sobre o benzer publicados nas mídias sociais (Instagram, TikTok, YouTube e Facebook), identificando a ausência de perfis estruturados em Campo Grande e a visibilidade conquistada em outras regiões do Brasil;
- Identificar categorias de representação do benzer nas redes digitais, considerando aspectos como formas de apresentação, interação com seguidores e discursos predominantes;
- Investigar, por meio de entrevistas exploratórias, as percepções de praticantes e seguidores em Campo Grande sobre autenticidade, visibilidade e transmissão dos saberes tradicionais diante da digitalização em outras localidades;
- Analisar como o contexto territorial de Campo Grande, inserida na Rota Bioceânica, influencia a circulação e a valorização do benzer em meio aos fluxos globais e às pressões econômicas da integração regional, mesmo diante da ausência local de perfis digitais;

• Refletir sobre os riscos de mercantilização e descaracterização do benzer nas mídias sociais, articulando-os a debates sobre patrimônio cultural imaterial e alternativas como o *buen vivir*.

3 POTENCIALIDADES PARA PESQUISA EM MÍDIAS DIGITAIS E O CONTEXTO DO BENZER

A cultura digital se consolidou como um dos principais campos de mediação contemporânea entre tradição e modernidade. Com a expansão das mídias sociais, práticas culturais que antes estavam restritas a espaços comunitários passaram a circular em redes digitais globais, alcançando novas audiências e adquirindo novos significados. No caso do benzer, prática ancestral que combina dimensões espirituais, de saúde popular e de identidade cultural, a inserção no ambiente digital cria um espaço híbrido de continuidade e transformação.

Nesse cenário, plataformas como Instagram, TikTok, Facebook e YouTube funcionam não apenas como vitrines, mas como arenas interativas, em que benzedeiras e aprendizes podem recriar narrativas, compartilhar rituais e dialogar com comunidades ampliadas. A cultura digital, marcada pela convergência e pela participação ativa dos usuários, possibilita que o benzer seja reinterpretado, mantendo-se vivo em fluxos informacionais que ultrapassam fronteiras locais. Como lembra Jenkins, a lógica da participação permite que os sujeitos não apenas consumam conteúdos, mas também os recriem, o que amplia as formas de preservação cultural.

Por outro lado, a cultura digital também introduz dilemas que tensionam a autenticidade e a salvaguarda dos saberes tradicionais. O enquadramento de práticas como o benzer em formatos rápidos e mercadológicos – como vídeos curtos ou transmissões ao vivo que buscam engajamento – pode gerar processos de espetacularização e mercantilização. Nessa perspectiva, o risco é que a espiritualidade e a memória coletiva se transformem em produtos midiáticos, perdendo parte de sua profundidade simbólica. Canclini alerta para esse processo quando discute o choque entre culturas populares e indústrias culturais, enfatizando a necessidade de um olhar crítico sobre os usos da tecnologia.

O contraste identificado em Campo Grande é particularmente relevante. Apesar de sua posição estratégica como Portal da Rota Bioceânica e de sua conexão com fluxos globais, a cidade não apresenta uma presença estruturada de benzedeiras nas redes sociais. Essa ausência digital não significa apagamento, mas antes revela uma resistência comunitária em manter o benzer como prática oral, presencial e enraizada. A cultura digital, nesse caso, atua como espelho das desigualdades territoriais: enquanto em outras regiões o benzer ganha visibilidade digital, em Campo Grande ele permanece protegido no âmbito comunitário.

Essa diferença territorial pode ser lida a partir do conceito de meio técnico-científico-informacional, formulado por Milton Santos, que destaca como os fluxos tecnológicos e informacionais não se distribuem de forma homogênea. A cultura digital, nesse sentido, expõe não apenas possibilidades de circulação cultural, mas também assimetrias entre práticas locais e processos globais. Campo Grande, apesar de estar inserida em circuitos internacionais por meio da Rota Bioceânica, mantém uma relação singular com seus saberes tradicionais, reforçando o papel da oralidade e da vivência comunitária.

Além disso, a cultura digital permite a emergência de comunidades virtuais de fé, em que seguidores interagem com benzedeiras em tempo real, pedem orações e compartilham experiências pessoais. Essas redes configuram novas formas de religiosidade e sociabilidade,

ampliando a noção de comunidade para além do espaço físico. Ao mesmo tempo, a ausência local de perfis em Campo Grande sugere que nem todas as comunidades desejam ou se sentem confortáveis em traduzir suas práticas espirituais para a lógica digital, o que levanta questões éticas sobre exposição, autenticidade e apropriação cultural.

Nesse contexto, o conceito de *buen vivir* se mostra um contraponto importante. Originado das cosmovisões andinas, ele propõe uma integração entre espiritualidade, comunidade, território e natureza, em oposição às lógicas extrativistas e mercantilizantes. Ao pensar o benzer no ambiente digital, a lente do *buen vivir* permite refletir sobre como a circulação em redes pode fortalecer vínculos culturais sem que se perca a essência da prática. A cultura digital, nesse caso, não seria apenas instrumento de difusão, mas também de resistência e afirmação identitária.

A análise da cultura digital nesse contexto evidencia um campo de ambiguidade. De um lado, há potencialidades de preservação, valorização e transmissão intergeracional dos saberes tradicionais; de outro, existem riscos de superficialização, mercantilização e perda de sentido comunitário. O benzer, ao transitar entre a oralidade comunitária e a circulação digital, revela as tensões entre globalização e tradição, entre visibilidade e invisibilidade, entre salvaguarda e espetacularização. Campo Grande, enquanto espaço estratégico da Rota Bioceânica, torna-se um território simbólico para compreender como a cultura digital pode tanto reforçar quanto desafiar a permanência dos saberes ancestrais.

Dessa forma, os saberes tradicionais correspondem a práticas, conhecimentos e crenças transmitidos oralmente, vinculados ao cotidiano das comunidades e às relações entre natureza, espiritualidade e cuidado. No Brasil, esses saberes foram reconhecidos como parte do patrimônio cultural imaterial, em consonância com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco (Unesco, 2003).

O benzer integra esse conjunto de práticas populares que permanecem vivas pela força da memória coletiva e da transmissão intergeracional, e, no plano institucional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2019) reforça a importância do registro desses saberes como estratégia de salvaguarda. Essa legitimação institucional contrasta com a marginalização que o benzer historicamente sofreu diante da hegemonia biomédica, mas ao mesmo tempo aponta para sua relevância social e simbólica como patrimônio cultural brasileiro.

A literatura antropológica e da saúde coletiva destaca o papel das benzedeiras como agentes culturais e espirituais. Suas rezas e rituais articulam dimensões do sagrado, da fé e do cuidado comunitário, configurando-se como redes de apoio simbólico e emocional (Loyola, 1984; Alves; Minayo, 1994). Mesmo diante do avanço da medicina oficial, essas práticas mantêm prestígio comunitário, como observa Monteiro (2016), que as identifica como referências de sabedoria e acolhimento espiritual. Gusmão (2012) acrescenta que as práticas religiosas populares no Brasil constituem formas de resistência cultural e de construção de identidades híbridas.

No contexto sul-mato-grossense, pesquisas locais confirmam que as benzedeiras seguem atuantes em bairros periféricos e áreas rurais, sendo procuradas tanto por motivos de fé quanto por apoio emocional. Contudo, diferentemente de outras regiões do país, onde benzedeiras têm conquistado visibilidade digital, em Campo Grande observa-se a ausência de perfis estruturados nas mídias sociais, revelando que a prática mantém caráter comunitário e presencial, mesmo em um território urbano conectado a fluxos globais.

Na sociedade em rede descrita por Castells (2003), marcada pela circulação global de informações mediada pelas tecnologias digitais, as mídias sociais se consolidaram como

arenas de interação cultural em que conteúdos locais podem alcançar visibilidade global. No caso do benzer, vídeos, tutoriais e transmissões ao vivo configuram formas de preservação e ressignificação, conforme mostra Jenkins (2009), ao enfatizar que a cultura da convergência depende da participação ativa dos sujeitos que recriam e distribuem conteúdos.

Recuero (2009) também reforça que as redes sociais digitais funcionam como espaços de interação simbólica, favorecendo a circulação de conteúdos comunitários ainda que submetidos às lógicas de visibilidade e aos algoritmos. No entanto, o fato de Campo Grande não apresentar benzedeiras digitalizadas sugere que a inserção dos saberes tradicionais nas redes sociais ocorre de maneira desigual no território brasileiro, revelando territorialidades específicas na apropriação do digital.

Essa desigualdade pode ser analisada a partir do conceito de meio técnico-científico-informacional, formulado por Milton Santos (2002). Para o autor, a densidade técnica, a fluidez informacional e o uso corporativo do território caracterizam uma nova etapa da globalização, em que culturas locais passam a circular em fluxos digitais globais. No caso do benzer, esse movimento apresenta ambiguidades: por um lado, amplia a visibilidade e fortalece a memória cultural; por outro, pode descaracterizar a prática ao submetê-la às lógicas do consumo e do entretenimento.

Como alerta Canclini (2015), a digitalização da cultura carrega riscos de mercantilização, superficialização e apropriação indevida, especialmente quando práticas ancestrais são transformadas em conteúdos rápidos para consumo midiático. A reflexão sobre os limites e possibilidades dessa circulação pode ser enriquecida pelo diálogo com o conceito de buen vivir (sumak kawsay, no idioma quéchua; suma qamaña, no aymara), que emerge das cosmovisões andinas como alternativa ao modelo ocidental de desenvolvimento.

O *buen vivir* compreende a vida como um todo integrado – natureza, comunidade, espiritualidade e cultura – e se fundamenta no equilíbrio entre os seres e na valorização dos saberes ancestrais (Acosta, 2016). Para Gudynas (2011), trata-se também de uma crítica às formas extrativistas de desenvolvimento e de uma abertura para modos alternativos de valorização dos territórios. Sua incorporação em políticas públicas no Equador (2008) e na Bolívia (2009) demonstra a potência do paradigma como forma de integração entre comunidade, espiritualidade e sustentabilidade, oferecendo também uma lente crítica para refletir sobre os processos de digitalização do benzer.

Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, ocupa posição estratégica como Portal da Rota Bioceânica, corredor que conecta o Centro-Oeste brasileiro aos portos do norte do Chile, atravessando o Paraguai e a Argentina. Projetada sobretudo como via de escoamento econômico e logístico, a Bioceânica insere a capital em um circuito ampliado de fluxos de mercadorias, pessoas e informações. À luz de Carlos (2007), compreender o espaço urbano exige ler suas dinâmicas sociais e simbólicas, enquanto Haesbaert (2014) lembra que os territórios são múltiplos e carregados de significados.

Assim, Campo Grande pode ser interpretada tanto como espaço técnico-informacional, conectado a fluxos globais, quanto como espaço vivido, portador de memórias, espiritualidades e práticas culturais. O fato de a cidade não apresentar presença digital estruturada de benzedeiras reforça essa tensão: mesmo em um território de integração regional e globalização, o benzer permanece como prática de base comunitária, presencial e enraizada.

Nesse sentido, a circulação do benzer nas mídias sociais, observada em âmbito nacional, pode ser compreendida como prática contemporânea de buen vivir. Ao mesmo tempo em que

amplia a visibilidade e conecta comunidades locais a redes globais, resiste à mercantilização e reafirma a dignidade da vida, da memória e do território.

A ausência de perfis digitais em Campo Grande, contrastada com a visibilidade nacional, torna-se, portanto, chave interpretativa para compreender as tensões entre globalização econômica e valorização cultural, entre fluxos digitais e práticas tradicionais, e entre mercantilização e salvaguarda da memória comunitária.

3.1 A Proposta de uma Metodologia

Podemos adotar uma abordagem qualitativa, voltada para compreender sentidos, percepções e práticas relacionadas à presença do benzer nas mídias sociais. O método combina análise de conteúdo e entrevistas exploratórias, articulando-se à realidade cultural de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, reconhecida como Portal da Rota Bioceânica. Esse recorte territorial permite observar como saberes tradicionais circulam em um espaço urbano estratégico, marcado simultaneamente por fluxos globais de integração e pela permanência de práticas culturais locais.

Inicialmente, foi realizado um levantamento digital em plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e Facebook, a partir de hashtags como #benzer, #benzedeira, #curaespiritual e #rezadeira. O monitoramento concentrou-se em identificar conteúdos associados a Campo Grande e ao contexto sul-mato-grossense; contudo, verificou-se a ausência significativa de perfis locais atuando de forma estruturada nas mídias sociais, o que constitui um dado relevante em si, pois revela a permanência de um caráter comunitário e presencial do benzer nesse território.
Diante disso, optou-se por ampliar o estudo para perfis em âmbito nacional, selecionados conforme critérios de visibilidade, constância de publicações e presença explícita de conteúdos relacionados ao ato de benzer, rezas, rituais ou narrativas populares.

A análise de conteúdo, orientada pelo método de Bardin (2016), organiza-se em categorias que permitem compreender como o benzer é ressignificado no espaço digital. São observadas as formas de apresentação, como orações, tutoriais e relatos pessoais; as interações com seguidores, como comentários, compartilhamentos e transmissões ao vivo; e os discursos predominantes, que transitam entre fé, espiritualidade, saúde alternativa e mercantilização.

A partir dessas categorias, busca-se compreender como o benzer se insere nas dinâmicas comunicacionais das redes e como a ausência de presença digital em Campo Grande, contrastada com a visibilidade de perfis nacionais, explicita desigualdades territoriais no processo de digitalização dos saberes tradicionais.

De forma complementar, foram realizadas entrevistas exploratórias com praticantes e seguidores do benzer em Campo Grande, selecionados por amostragem intencional. As entrevistas buscaram captar percepções sobre autenticidade, visibilidade, aprendizado e transmissão dos saberes nas mídias sociais, além de investigar como a inserção territorial da capital, como cidade estratégica da Rota Bioceânica, influencia a percepção sobre a valorização ou a invisibilidade cultural diante das pressões econômicas e midiáticas.

O estudo seguiu procedimentos éticos voltados ao respeito às práticas culturais, assegurando consentimento informado dos participantes e a preservação de suas identidades sempre que solicitado. Buscou-se ainda evitar a exposição sensacionalista dos saberes tradicionais, garantindo sua dignidade e legitimidade.

Conforme lembra Portelli (1997), as entrevistas orais não são apenas fontes de dados factuais, mas também narrativas carregadas de significados e interpretações, o que reforça a importância de compreender as falas não apenas como relatos, mas como experiências culturais mediadas pela memória e pela subjetividade.

3.2 Resultados e Discussão

A análise do material coletado nas mídias sociais evidenciou que o benzer vem sendo ressignificado no ambiente digital sobretudo em âmbito nacional, enquanto em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e Portal da Rota Bioceânica, a prática permanece enraizada em espaços comunitários presenciais. Essa ausência de perfis locais estruturados se configura como um achado relevante, pois sintetiza a tensão entre globalização econômica e permanência de práticas culturais tradicionais em escala regional.

Nos perfis analisados nacionalmente, observaram-se diferentes formas de representação do benzer. O perfil @saravazinho, no Instagram, publica vídeos curtos com rezas e orações adaptadas ao formato rápido da plataforma, reunindo milhares de interações em comentários e compartilhamentos. Já o perfil @falapretovelho se destaca pelas transmissões ao vivo, nas quais combina narrativas espirituais, conselhos e rezas coletivas, criando comunidades virtuais de fé. Por sua vez, o perfil @axefilhosdearuanda articula a prática do benzer com conteúdos de matriz afro-brasileira, compartilhando relatos pessoais, ensinamentos e rituais, o que amplia a visibilidade da tradição em circuitos digitais.

A análise de conteúdo, orientada pelo método de Bardin (2016), mostrou que esses perfis se organizam em categorias como vídeos de orações adaptadas ao tempo das redes sociais, tutoriais explicativos sobre objetos rituais, relatos pessoais de cura e transmissões ao vivo que simulam atendimentos comunitários. Nas interações, predominam comentários de agradecimento, pedidos de oração e compartilhamentos de experiências, configurando verdadeiras comunidades virtuais de fé.

As entrevistas exploratórias realizadas em Campo Grande reforçaram o caráter comunitário do benzer na região. Benzedeiras e praticantes locais relataram que a prática se mantém enraizada na oralidade e nos encontros presenciais, transmitida de geração em geração. Embora reconheçam a visibilidade que as mídias sociais podem oferecer, demonstraram cautela diante da possibilidade de exposição excessiva ou descaracterização. Para eles, o risco de transformar o benzer em espetáculo digital ameaça sua legitimidade espiritual e comunitária.

O contraste entre Campo Grande e o cenário nacional ilustra a tensão entre fluxos globais e práticas locais. Em âmbito nacional, o benzer se projeta digitalmente e alcança públicos amplos; em Campo Grande, a prática preserva sua legitimidade comunitária fora das redes, ainda que invisível nos fluxos midiáticos. Esse movimento pode ser interpretado à luz da sociedade em rede descrita por Castells (2003), que favorece a circulação cultural em fluxos globais, mas também evidencia desigualdades territoriais na apropriação digital. Como aponta Milton Santos (2002), o meio técnico-científico-informacional amplia a visibilidade cultural, mas não elimina práticas enraizadas em experiências comunitárias, revelando as ambiguidades entre globalização e tradição.

Por fim, os resultados apontam que o benzer pode ser interpretado como prática contemporânea de buen vivir. Em nível nacional, conecta comunidades locais a redes globais,

amplia a transmissão intergeracional e dá visibilidade aos saberes tradicionais, mas também se arrisca à mercantilização e à perda de sentido comunitário. Em Campo Grande, a ausência digital reafirma a força da oralidade, da memória coletiva e da espiritualidade como resistências frente à homogeneização cultural imposta pelo capitalismo global.

4 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Este estudo teve como objetivo analisar o papel das mídias sociais na divulgação dos saberes tradicionais, tomando o benzer como prática central de investigação. A partir do contraste entre a ausência de perfis digitais estruturados em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e Portal da Rota Bioceânica, e a visibilidade conquistada por benzedeiras em âmbito nacional, foi possível compreender como a circulação digital de práticas ancestrais se dá de forma desigual e marcada por territorialidades específicas no Brasil.

Os resultados evidenciaram que, em nível nacional, perfis de benzedeiras utilizam plataformas como Instagram, TikTok e YouTube para ressignificar o benzer em diferentes formatos – orações curtas, tutoriais explicativos, relatos pessoais de cura e transmissões ao vivo. Essa presença digital amplia a visibilidade da prática, reforça identidades comunitárias e insere os saberes tradicionais em fluxos globais de circulação cultural, em consonância com a sociedade em rede (Castells, 2003) e com a cultura da convergência (Jenkins, 2009). Entretanto, também revelou riscos de mercantilização, espetacularização e apropriação indevida, confirmando a ambiguidade do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2002), que ao mesmo tempo preserva e ameaça a autenticidade cultural.

No caso de Campo Grande, a pesquisa demonstrou que o benzer permanece como prática comunitária e presencial, transmitida oralmente e sustentada por vínculos de fé, memória e identidade. A ausência digital, longe de significar apagamento, indica resistência às lógicas de mercantilização e reafirma a centralidade da oralidade e da experiência vivida. Essa resistência pode ser interpretada à luz do *buen vivir* (Acosta, 2016; Gudynas, 2011), que enfatiza a dignidade da vida, da memória coletiva e do território frente à homogeneização cultural imposta pela globalização.

Constatou-se, assim, que a digitalização dos saberes tradicionais não ocorre de forma homogênea, mas reflete tanto apropriações quanto resistências, tensionando a relação entre globalização e tradição. Enquanto algumas benzedeiras alcançam visibilidade nacional, em Campo Grande a prática mantém-se fora do espaço digital, fortalecendo seu caráter comunitário. Essa diferença abre caminho para ampliar o debate sobre a integração regional da Rota Bioceânica não apenas sob a ótica econômica e logística, mas também cultural e simbólica, destacando os saberes ancestrais como parte do desenvolvimento e da identidade regional.

Consideramos, portanto, que as mídias sociais oferecem potencialidades para a preservação e a circulação do benzer, mas também impõem riscos que precisam ser reconhecidos criticamente. A presença digital nacional e a ausência local em Campo Grande revelam um quadro complexo de tensões entre visibilidade e invisibilidade, mercantilização e salvaguarda, globalização e resistência cultural. Diante desse cenário, torna-se urgente desenvolver estratégias de reconhecimento e preservação dos saberes tradicionais, em consonância com a Convenção da Unesco (Unesco, 2003), que assegurem não apenas sua circulação digital, mas sobretudo sua legitimidade comunitária e espiritual, preservando o equilíbrio entre memória, território e identidade cultural.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. *O Bem Viver:* uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ALVES, P. C; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Saúde e doença:* um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOSI, E. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CARLOS, A. F. A. *O espaço urbano:* novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2007.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUDYNAS, E. O novo extrativismo progressista na América do Sul: teses sobre um velho problema sob novas expressões. *In*: SVAMPA, M.; ANSALDI, W. (Org.). *América Latina:* sociedade, política e cultura. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

GUSMÃO, N. M. M. *Religião e cultura popular no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

IPHAN. *Saberes:* Registro como patrimônio cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2019.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOYOLA, M. A. *Medicina popular e racionalidade médica*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

MONTEIRO, R. *Benzedeiras e rezadeiras:* entre a fé e a ciência. Curitiba: Appris, 2016.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Niterói, v. 2, n. 3, p. 59–72, 1997.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, M. *A natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

UNESCO. *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. Paris: UNESCO, 2003.

Sobre os autores:

Katiuscia Fernandes [*Autora para contato*]: Especialização em Gestão de Comunicação em Mídias Sociais e Comunicação Digital pela Faculdade Iguaçu. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É servidora pública da Fundação Estadual Jornalista Luiz Chagas de Rádio e Televisão (FERTEL). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Espaço e Turismo (GEPECTUR), desenvolvendo pesquisas na interface entre comunicação, território e turismo. Atualmente atua como assessora de imprensa na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Campo Grande,

desenvolvendo estratégias integradas de comunicação com foco em educação, cidadania e impacto social. **E-mail:** katiufernandes@gmail.com, **ORCID:** https://orcid.org/0009-0009-6762-4508

Alan Silus: Doutor em letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atuação no Ensino Superior nas atividades de Docência e Gestão Institucional na UEMS. **E-mail:** profalansilus@gmail.com, **ORCID:** https://orcid.org/0000-0002-7281-261X

Editores Avaliadores do artigo: Arlinda Cantero Dorsa, Milton Mariani e Emerson Corazza.
Editores-chefes Responsáveis pelo artigo: Arlinda Cantero Dorsa e George Henrique de Moura Cunha

Disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.